

imagem & texto

MONTEIRO LOBATO

Quando o carteiro chegou...

Cartões-postais a Purezinha

Organização e apresentação de
MARISA LAJOLO

PROJETO DE LEITURA

Douglas Tufano
Maria José Nóbrega

 **Moderna**

A vida em textos e imagens

DOUGLAS TUFANO

As Musas são filhas de Zeus e Mnemósine (Memória). São nove irmãs e cada uma cuida de um ramo especial da literatura, da ciência e das artes. Calíope era a musa da poesia épica; Clio da história; Euterpe da poesia lírica; Melpômene da tragédia; Terpsícore da dança; Érato da poesia erótica; Polínia da poesia sacra; Urânia da astronomia; e Talia da comédia e da poesia bucólica.

(Thomas Bulfinch. *A era da fábula*)

Para representar a união das diversas artes, os antigos gregos as imaginaram como nove irmãs — as Musas. Cada uma tinha especialidade e expressão próprias, mas todas pertenciam à mesma família e tinham algo em comum — falavam do ser humano, de seu rico e instável mundo interior, de seu desejo de saber. Aliás, os gregos chegaram a construir templos para elas, os Museus, dos quais o mais notável foi erguido na cidade de Alexandria, no Egito, no século terceiro antes de Cristo. Lá pesquisaram e estudaram muitos escritores e eruditos, que dispunham de biblioteca, observatório astronômico e, principalmente, de recursos oferecidos pela cidade para dedicarem-se exclusivamente às ciências e às artes.

Em vários períodos da história, observamos uma aliança entre as artes. Os trovadores medievais, por exemplo, compunham poemas que eram cantigas, isto é, composições poéticas para serem cantadas. Naquela época, a música e a poesia andavam de mãos dadas. Ao longo do tempo, escritores têm se inspirado em obras de arte, assim como artistas plásticos têm procurado representar muitas histórias e personagens que povoam os livros.

A conhecida escultura chamada “O Pensador”, do escultor francês Rodin, que representa um homem sentado, meditando, com o queixo apoiado numa das mãos,

inspirou, por exemplo, um belo soneto à escritora espanhola Gabriela Mistral, assim traduzido pelo nosso Manuel Bandeira:

*Apoiando na mão rugosa o queixo fino,
O Pensador reflete que é carne sem defesa;
Carne da cova, nua em face do destino,
Carne que odeia a morte e tremeu de beleza.*

*E tremeu de amor, toda a primavera ardente,
E hoje, no outono, afoga-se em verdade e tristeza.
O “havemos de morrer” passa-lhe pela mente
Quando no bronze cai a noturna escuridão.*

*E na angústia seus músculos se fendem sofrendores.
Sua carne sulcada enche-se de terrores,
Fende-se, como a folha do outono, ao Senhor forte*

*Que o reclama nos bronzes. Não há árvore torcida
Pelo sol na planície, nem leão de anca ferida,
Crispados como este homem que medita na morte.*

O diálogo das letras com as artes plásticas começou, pois, há muito tempo e vem, até hoje, renovando-se continuamente. Desperta no leitor e no observador o desejo de saber mais sobre as obras, de procurar outros pontos de contato, de confrontá-las novamente. Mas a **Série Imagem & Texto** propõe ainda outras aproximações estimulantes: leitura de cartas, cartões-postais, fotos, desenhos, charges.

Desse modo, nos vários volumes da Série, temos sempre um estimulante diálogo entre as diferentes linguagens, possibilitando um rico trabalho interdisciplinar que excita a curiosidade, provoca a inteligência, estimula a sensibilidade.

E, para facilitar esse encontro dos alunos com os livros, contamos com a atuação dos professores, que devem incentivar

debates, sugerir aproximações e hipóteses, chamando a atenção para a especificidade da linguagem de cada forma de arte.

Participando desse jogo criativo, os alunos perceberão que os livros convidam a um diálogo, a uma releitura, que, certamente, vão servir de inspiração para eles escreverem suas histórias.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos lingüísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores

como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.

- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.

- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

MONTEIRO LOBATO

Quando o carteiro chegou... Cartões-postais a Purezinha

Organização e apresentação de MARISA LAJOLO

UM POUCO SOBRE O AUTOR

José Renato Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, cidade do interior de São Paulo, em 18 de abril de 1882. Mais tarde, mudou seu nome para José Bento, o mesmo de seu pai. Muito jovem, com apenas quinze anos, perdeu o pai e, no ano seguinte, a mãe, indo viver com seu avô materno, o Barão de Tremembé. Sempre gostou muito de ler e de pintar e sonhava ser pintor, mas acabou sendo convencido pelo avô a cursar Direito na Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo. Formado, tornou-se promotor em uma pequena cidade de nome Areias. Casou-se com Maria da Pureza Natividade, carinhosamente chamada Purezinha, com quem teve quatro filhos. Ainda em Areias, começou a escrever para jornais e revistas.

Com a morte do avô, herdou a Fazenda São José do Buquira e decidiu administrá-la, abandonando a carreira jurídica. Depois da frustrante experiência como fazendeiro, mudou-se para S. Paulo, tornando-se editor da *Revista do Brasil*, que pertencia ao grupo do jornal *O Estado de S. Paulo*. Sua vida transformou-se e Lobato envolveu-se em uma série de projetos: fundou a Editora Monteiro Lobato e &, que abriu espaço para novos escritores, além de modernizar o tratamento gráfico dado aos livros e seu processo de vendas. É neste momento que Lobato escreve *A menina do narizinho arrebitado*, que inaugura sua criação literária para crianças.

Alguns anos depois, decidiu mudar-se para Buenos Aires, onde contava com muitos admiradores. Regressou a São Paulo, onde morreu em 4 de julho de 1948.

Lobato escreveu vários contos para adultos, mas é na literatura infantil que é consagrado por leitores e críticos. Em homenagem a Lobato, considerado o pai da literatura infantil brasileira, o dia 18 de abril, dia de seu nascimento, tornou-se o Dia Nacional do Livro Infantil.

RESENHA

Em sua apresentação, Marisa Lajolo nos faz notar o material valioso que temos em mãos: um verdadeiro “tesouro em papéis”, como ela mesma diz. Parte integrante do acervo do Fundo Monteiro Lobato, no Centro de Documentação Alexandre Eulálio (Cedae), na Unicamp, estes postais foram doados, entre outros materiais valiosos, por uma das netas de Monteiro Lobato.

Como ressalta a organizadora, esse material é valioso não somente porque permite conhecer mais profundamente um de nossos escritores mais importantes, mas também para conhecer um pouco da sociedade brasileira do início do século XX. Nos pequenos detalhes, descobrimos toda uma riqueza de informações sobre um universo muito distinto do nosso – um universo em que a relação entre os namorados e noivos era cuidadosamente vigiada pelas famílias; em que os pronomes de tratamento não se restringiam somente às cartas formais; em que os meios de comunicação eram menos ágeis, e os meios de transporte mais lentos e menos acessíveis; mas, sobretudo, um tempo em que ainda era preciso escrever.

Estes postais eram escritos nos intervalos entre cartas mais longas, às quais Lobato muitas vezes faz referência, para, entre uma carta e outra, diminuir um pouco a saudade, combinar encontros,

dar vazão à impaciência que sentia quando a noiva demorava a escrever de volta. Falam de trivialidades, de esperanças e de expectativas, de tudo aquilo que pode aproximar um pouco os universos dos noivos, que viviam em cidades diferentes. Além do texto dos cartões, podemos ter acesso também às imagens, talvez cuidadosamente escolhidas, e à caligrafia do escritor, muitas vezes difícil de ser decifrada, não fosse a transcrição do texto. Não se trata apenas de textos, mas de objetos que, como sugere Marisa, talvez tenham sido abraçados, acariciados, quase rasgados depois de uma briga...

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Quando o carteiro chegou... permite-nos vislumbrar, de um ângulo pouco comum, o universo daquele que talvez seja o principal autor da literatura infanto-juvenil brasileira. Valendo-se do delicioso privilégio de uma “bisbilhote consentida”, nossa imaginação pode alimentar-se das imagens e das sucintas palavras contidas nesses cartões para construir o que pode ser uma história de amor.

Como Marisa Lajolo sugere em seu texto de introdução, nunca podemos tomar posse por completo da história do outro: por mais abundantes que possam ser os documentos e os sinais de que dispomos, há sempre algo que nos escapa. Restam sempre perguntas por fazer. E, no que diz respeito à história de Lobato e Purezinha, é muito o que não sabemos. Para começar, é só a voz de Lobato que ouvimos – voz essa que não se completa na resposta da noiva. Até que ponto se pode dizer que eles de fato se amavam? A escrita de Lobato é, de certo modo, contida, não somente por causa do pequeno espaço do papel, mas talvez porque o noivo soubesse que suas cartas seriam interceptadas pela irmã da moça, condição que certamente restringiu rasgos poéticos.

No entanto, talvez sejam justamente essas brechas e espaços vazios que tornem tão fascinante a leitura de fragmentos de histórias verdadeiras. Diante dos espaços que não tem como preencher, quando se trata de personagens reais, o leitor é tentado a construir suas próprias hipóteses: ao olhar para a história do outro, o leitor constrói uma história sua.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: epistolar

Palavras-chave: correspondência, noivado, amor, casamento, expectativa

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Educação Artística

Temas transversais: Ética

Público-alvo: jovem adulto

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Monteiro Lobato é um dos autores brasileiros mais conhecidos, lido por diferentes gerações. Seus personagens do *Sítio do Picapau Amarelo* são parte do imaginário brasileiro – certamente a maior parte de seus alunos já deve ter tido algum tipo de contato com a boneca Emília ou com o Visconde de Sabugosa, mesmo que tenha sido apenas pela série da Rede Globo, e muitos deles devem ter lido alguma coisa do autor em outro momento da vida escolar. Pergunte a eles o que já leram e o que conhecem de Monteiro Lobato. Quais os personagens de que mais se lembram? Que impressão guardam de suas histórias?

2. Leia com seus alunos a apresentação de Marisa Lajolo, “Um tesouro de papéis”, e depois discuta com eles o cuidado que se deve ter com a preservação de documentos sobre a vida de autores e outras figuras importantes. Por que a autora considera que os documentos doados pela neta do escritor constituem um verdadeiro tesouro? Eles concordam com esse ponto de vista?

3. Proponha também a leitura do texto seguinte de Marisa Lajolo, “Uma história de amor verdadeira”. Esse texto oferece informações importantes sobre o período da vida do autor no qual os postais foram escritos, permitindo uma aproximação mais rica do seu universo, e propõe questões interessantes, que podem tornar ainda mais instigante a leitura dos postais: será que ele estava mesmo apaixonado? E ela, por que demorava tanto para responder, de acordo com a queixa do noivo?

Durante a leitura

1. Como estamos bastante afastados do tempo e do contexto em que esses postais foram escritos, nossa posição é, de certo modo, desvantajosa em relação à da destinatária original dos postais, que, certamente, não tinha dificuldade para compreender as referências neles contidas. Decifrá-las é tarefa de pesquisadores, e os organizadores do livro tiveram o cuidado de, na medida do possível, esclarecê-las para nós. Além do fac-símile dos cartões-postais, junto a cada um deles existem a transcrição do texto, notas de rodapé e outras informações para facilitar seu entendimento. Tantas informações, porém, podem deixar o leitor confuso. Na página 23, antes do primeiro postal, a organizadora dá indicações ao leitor sobre a disposição das informações nas páginas, de modo a ajudá-lo na leitura. Sugira a seus alunos que atentem para essa página, para que possam compreender as informações sobre os cartões-postais. Diga a eles que não ignorem as notas de rodapé, que muitas vezes esclarecem o conteúdo dos postais.

2. A maneira como a linguagem era utilizada no período em que esses postais foram escritos é bastante diferente daquela que utilizamos hoje. Peça a seus alunos que prestem atenção no uso dos pronomes (o pronome “tu” é bastante freqüente, e, entre os diversos pronomes de tratamento utilizados, está o francês *mademoiselle*) e no tom formal da carta que Lobato escreve ao pai de Purezinha, com atenção também para as gírias e expressões que atualmente se encontram fora de uso.

3. A ortografia transformou-se muito, do início do século XX até os tempos atuais. Embora decifrar a caligrafia de Lobato seja difícil, peça a seus alunos que, quando possível, comparem a ortografia do texto, como Lobato o escreveu, com sua transcrição, em que a ortografia foi atualizada de modo a facilitar a compreensão.

4. Os postais comunicam não apenas pelas palavras que contêm, mas também por suas imagens. Estimule seus alunos a observar a variedade de imagens escolhidas por Lobato para agradar sua noiva.

Depois da leitura

◆ nas tramas do texto

1. Os postais são uma forma de comunicação que se encontra em franco desuso: ainda persiste a prática de enviar cartões-postais em viagens, porém bastante enfraquecida, e, com menos força ainda, o hábito de enviar cartões em festas como o Natal. As imagens estampadas nos postais que Lobato envia não se referem a datas especiais ou a viagens, são simplesmente imagens de que o escritor gosta e decide enviar, sem nenhuma relação explícita com o conteúdo do texto. Discuta um pouco essa questão com seus alunos, fazendo um levantamento dos meios que hoje existem para se comunicar a distância: telefone, *messenger*, *e-mails* com fotos digitais, cartões virtuais padronizados, *web cams*, *orkut* e muitos outros. Discuta as particularidades de cada um desses meios, observando as vantagens e desvantagens que eles apresentam em relação aos postais: são mais ágeis e possuem recursos multimídia (além dos textos e fotos, podem incluir músicas, animações etc.), porém, talvez, sejam menos pessoais e afetivos, já que os cartões-postais são escritos à mão e são objetos concretos, que podem ser tocados e até cheirados.

2. Este livro só contém os postais de Lobato, sem as respostas de Purezinha. Segundo consta, Purezinha, já esposa de Lobato, teria queimado todos os seus postais e cartas. Resta a nós, portanto, imaginar quem teria sido essa noiva misteriosa... Estaria ela apaixonada? Como teria recebido as cartas? Por que a demora em responder? Proponha a seus alunos que respondam a um dos postais do livro em nome de Purezinha, da forma como imaginam que ela seja. Peça a eles que procurem manter o registro de linguagem da época e tentem escrever como uma jovem professora daquele tempo.

3. O texto dos postais permite ao leitor construir algumas representações sobre as formas que o namoro e o noivado assumiam no início do século XX. O livro *História do amor no Brasil*, de Mary Del Priore, publicado pela Editora Contexto, pode indicar caminhos para aprofundar, em História, o tema com os alunos.

4. Embora a maioria dos textos deste livro consista em postais escritos por Lobato a sua noiva, existe uma exceção: uma carta escrita pelo noivo ao pai da moça, pedindo permissão para que o casamento acontecesse em breve. Peça a seus alunos que escrevam, desta vez, a resposta do pai de Purezinha à carta de Lobato, lembrando que, provavelmente, a formalidade de uma carta do futuro sogro para o futuro genro teria um tom bem mais formal do que as cartas trocadas pelos namorados...

5. Leia com seus alunos os episódios do casamento de Narizinho e de Emília em *Reinações de Narizinho*, uma das principais obras de Lobato. Inspirando-se nesses episódios, proponha a eles que escrevam uma crônica divertida que narre o casamento de Lobato e Purezinha. Deixe que eles usem livremente a imaginação, sem nenhuma preocupação com o realismo, usando, se quiserem, elementos fantásticos.

6. Como Marisa Lajolo ressalta em sua apresentação, esses postais, além do grande valor histórico, possuem também um grande valor sentimental. Proponha a seus alunos que redijam uma página do diário de Purezinha, ou de um de seus filhos, narrando o encontro dos postais, após a morte de Lobato, e o sentimento decorrente.

7. Converse com o professor de Arte sobre a possibilidade de ajudar os alunos a pintarem seus próprios postais personalizados, inspirando-se nas imagens dos postais que Lobato enviava à sua noiva. Uma vez prontos os cartões, peça aos alunos que pensem em alguém para quem gostariam de enviá-los – pode ser algum parente ou amigo querido que more em outra cidade ou estado; o namorado ou a namorada; ou mesmo algum colega de outra classe. Nestes tempos, em que recebemos dos Correios basicamente contas, multas e malas-diretas, receber um cartão-postal pode ser uma grande alegria...

◆ *nas telas do cinema*

Nunca te vi, sempre te amei, de David Jones, é uma história de amor e gosto pelos livros, que

narra a trajetória de um casal que se apaixona por meio de cartas. Tudo começa quando Helen Hanff, uma escritora mal-humorada, envia uma carta a uma pequena livraria de Londres, solicitando algumas obras inglesas clássicas raras. Frank Doel, um discreto vendedor inglês de livros, atende a seu pedido, iniciando uma troca de cartas comovente e graciosa entre dois continentes por duas décadas. Distribuidora: Columbia Tristar.

DICAS DE LEITURA

► do mesmo autor

Cidades mortas – São Paulo, Brasiliense
Contos escolhidos – São Paulo, Brasiliense
Urupês – São Paulo, Brasiliense

► sobre o mesmo gênero

Antologia da carta no Brasil – Me escreva tão logo possa – organização de Marcos Antonio de Moraes, São Paulo, Salamandra
Cartas perto do coração – correspondência de Fernando Sabino e Clarice Lispector, Rio de Janeiro, Record
Cartas a Anita Malfatti – Mario de Andrade, Forense Universitária
Cartas – Caio Fernando Abreu – organização de Ítalo Moriconi, Rio de Janeiro, Aeroplano

► leitura de desafio

Após a leitura dos delicados cartões-postais de Lobato a Purezinha, sugerimos um contato com a correspondência de Abelardo e Heloisa, que nos revela fragmentos de uma das histórias de amor mais intensas e doloridas da História. Se a impaciência e a saudade de Lobato tiveram um final feliz, culminando no casamento tão esperado, a história entre o filósofo Abelardo e a jovem Heloisa teve um final trágico, terminando em separação definitiva e no confinamento de ambos: ele, num mosteiro; ela, num convento. Sugerimos a edição *Abelardo – Heloisa, cartas*, organizada por Zeferino Rocha e publicada pela editora da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco).